

IDÉIAS E HISTÓRIAS *

Roberto Goto**

1. Para um ex-estudante e professor de Filosofia, uma História das Idéias Filosóficas faz lembrar logo uma História da Filosofia, a disciplina que – à semelhança daquela a que se dá simplesmente o nome de História – costuma ser dada em quatro partes, geralmente por professores diferentes, cada um mais ou menos especializado em seu “período”: História da Filosofia Antiga, História da Filosofia Medieval, etc.

Os problemas desse modelo são vários e conhecidos dos historiadores e estudantes de História. Se o curso pretende ser extensivo (quando não exaustivo), além de exigir um mínimo de quatro semestres (segundo a tradição) e um professor ou professores com uma erudição enciclopédica, ágeis em se equilibrar tanto na linha diacrônica quanto na sincrônica, enfrentará sempre o risco e a dúvida da incompletude e da descontinuidade.

Pensar nisto me faz recordar algumas das questões nada fáceis e muito concretas levantadas por professores de História numa reunião destinada a definir um programa curricular para alunos da 7ª Série do 1º Grau, com o conteúdo de História Antiga e Medieval: que capítulos incluir, quais excluir?; a civilização egípcia é impor-

tante, mas também não o são a mesopotâmica, a hebraica, etc.?; aliás, como compreender umas sem compreender outras?; e por que não nos estendermos ao extremo oriente para estudar as civilizações indiana e chinesa, por exemplo, que têm sempre alguma coisa a ver conosco, principalmente hoje, com a integração crescente do globo?

Como neste caso, a seleção dos conteúdos do que seria uma História das Idéias Filosóficas pressupõe, antes de tudo, uma idéia de História. A teoria – talvez a mais comum e nem por isso explicitada – que torna a História como uma sucessão encadeada de fatos, articulando indivíduos, classes sociais e ideologias, sempre nos deixará desconfiados e insatisfeitos quando tivermos que selecionar e explicar: a desconfiança de que se omitiu um processo importante, que ajudaria a compreender o processo estudado; a insatisfação com a falta de dados, que poderíamos se encaixar e reforçar a explicação, ou, inversamente com uma explicação que cobre alguns fatos mas deixa outros de fora. Analogamente, numa História das Idéias Filosóficas entendida como a série articulada de idéias produzidas pela Filosofia ou pelos filósofos, restará sempre a suspeita de se estar percorrendo um caminho tão mais arbitrário

* Particpei com este texto de uma seleção interna de docente para a disciplina História das Idéias Filosóficas, realizada no início de março de 1987 pelo Departamento de História do Instituto de Letras, História e Psicologia da UNESP – campus de Assis. Seu caráter de plano de um curso que afinal não se testou na prática não impedirá, espero, que as idéias aqui sugeridas contribuam para uma reflexão e uma discussão mais aprofundadas sobre as questões que o texto aborda.

** Professor de Filosofia da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Dom João Nery, em Campinas - SP.

quanto mais linear e completo quisermos, como pressuposto, que ele seja.

2. Uma alternativa seria adotarmos um molde que nos permita efetuar cortes precisos no processo histórico, como a teoria dos modos de produção; nesta hipótese, em que, para recordar a Literatura, a descrição predominaria sobre a narração, poderíamos extrair da seqüência cronológica um certo número de estudos de casos, cada um ou mais de um deles exemplificando um modo de produção. Esta opção traz a vantagem de explicitar e operacionalizar a idéia de História que anima a sua interpretação mas os que não compartilham dela ao nível da convicção alimentarão a suspeita de estar colocando a carreta na frente dos bois ou, no extremo, de aprisionar a História numa camisa-de-força. E se a alternativa é ótima em termos didáticos, prometendo a acomodação e adequação entre os dados e a explicação, pode ser desastrosa para a pesquisa: no lugar da mão-dupla que vai da explicação ao dado e volta à primeira para reformulá-la quando necessário, corre o risco de fornecer a futuros pesquisadores o sentido-único de quem recolhe fatos e encadeamentos apenas para reforçar as paredes de uma teoria já dada e escolhida como a melhor. O correspondente deste procedimento, no plano das idéias filosóficas, estaria numa História que as tomasse em blocos, cada qual refletindo um momento determinado da História social, caracterizado segundo seu modo de produção.

3. A prática desta ou daquela alternativa também envolve, por sua vez, inconveniências em que transparecem os problemas teóricos. Para encerrar o

conteúdo pretendido em um ou dois cursos semestrais, o professor teria de se valer de uma síntese e uma seqüência mais ou menos esquemáticas daquelas que seriam as principais idéias ou correntes filosóficas, que veríamos desfilar solitárias ou em blocos, em trajetórias paralelas ou conflitantes, contra o pano de fundo de uma História social cronológica e progressiva. Num caso, a tendência é consagrar uma seqüência já cristalizada (cristalização de que dão exemplo os manuais de História da Filosofia), que começaria com os pré-socráticos e viria (tentaria vir...), por exemplo, até os pós-estruturalistas; a história das idéias teria uma lógica própria, sem se esquecer que entretém certas relações com a história social (assim, por exemplo, o contexto político-cultural de Atenas "explica" o surgimento de um Sócrates no século V a.C., mais ou menos como o Iluminismo foi o contexto intelectual das ações revolucionárias da França no final do século XVIII). Noutro caso, o movimento das idéias seria apresentado em correspondência com a dinâmica dos interesses e conflitos de classes e frações de classes, refletindo e acompanhando as fases históricas dos modos de produção (assim, por exemplo, se o Iluminismo correspondeu à fase revolucionária da burguesia, o existencialismo já seria uma filosofia da decadência da burguesia, na época do imperialismo).

4. No desfile das idéias, resta irrealizada, porém, a tarefa implícita na pergunta: o que é uma idéia filosófica? O desfile nos permite classificá-la, "defini-la" à semelhança de alguém que define uma obra de arte como aquela que comparece no museu, nas galerias, nos

catálogos e enciclopédias; mas não proporciona uma resposta consistente quando se indaga, por exemplo, se (ou quais) idéias de Freud são filosóficas. Se o desfile comporta linhas de continuidade e pontos de ruptura e conflito, se apresenta altos e baixos e alguns ritmos mais intensos que outros, é no entanto para recordar o já estabelecido e desconhecer o sempre esquecido. Seus personagens – as idéias – sempre terão a ver, é claro, com classes sociais, interesses políticos, crises econômicas, realidade ante a qual guardariam certa autonomia e sobre a qual exerceriam alguma influência, mas permanecerá indiscutida a questão de como a História, tornada ao mesmo tempo organizadora e espectadora do desfile, perpassa, se incrusta ou se traduz nas idéias, e de como estas respondem a ela. Numa palavra, o desfile nos faz acompanhar uma certa evolução das idéias, com roupagem e enredo que a tradição fixou e reproduz; podemos contestar o destaque dado a esta ou àquela, manifestar maior ardor por uma em detrimento de outra, reviver a polêmica que um dia as contrapôs; contudo, sem sabermos, muitas ficaram de fora, desde o início desclassificadas, e de todas permanece em nossas retinas mais a aparência que a substância, a carne que faz com que se liguem ao corpo da História.

5. Pergunto-me se a futuros historiadores e historiógrafos interessa estudar uma História das Idéias Filosóficas como alguém que vê um filme pronto, com trama e personagens já fixados e sempre reprisados pela tradição, ainda que levando a conflitos irresolvidos e a um final aberto e suspenso. Tendenciosamente, gostaria de acreditar que não.

Quanto a mim, me interessa menos exhibir o filme pronto do que tomar um e outro fotogramas para, e embora também com uma estética pré-concebida e desde o princípio explicitada, discutir os pressupostos e critérios da montagem, o diálogo intertextual dos fotogramas, diálogo em que podemos ouvir, filtradas, distorcidas, traduzidas em imagens próprias, as vozes da chamada História "real". Penso, por exemplo, no diálogo que Sartre trava com o marxismo ao retomar e discutir a idéia de "os homens fazem a história..." etc. A História "real", neste caso, é subtexto: aquilo que a reflexão não diz expressamente. Mas é também texto, mais precisamente intertexto: o sentido que a idéia tem em Marx e o novo sentido que Sartre procure extrair; pensando melhor, é a diferença entre os dois sentidos, diferença que incorpora o intervalo histórico que distancia e põe em contato duas épocas: uma delas – a mais recente – debruçada sobre a fala da outra para repensá-la e rearticulá-la para dizer e "fazer" a História com outras exigências, outra paixão.

6. Resumindo, eu começaria por tentar configurar o que seja uma idéia filosófica. Um certo tipo de idéia filosófica: aquela que reflete sobre o Homem e a História. Procuraríamos então, alunos e eu, filosofar sobre o Homem e a História, tarefa de partida e de chegada que buscaria oferecer uma imagem da Filosofia através de um certo fazer filosófico. Uma História das Idéias Filosóficas seria apenas referida e discutida, desde os seus pressupostos – o que é mais, no entanto, que reproduzir uma História já dada e cristalizada pela tradição irrefletida – através da leitura de alguns de seus fragmentos. Desse modo, incur-

tando o desfile e arriscando-me a subverter os objetivos do curso, o que proponho poderia ser sintetizado num título duplo: "A História numa Idéia Filosófica – uma Idéia Filosófica de Homem e História". Com isto espero poder propiciar aos alunos – primeira e última ocupação deste plano – uma oportunidade: a de, num movimento em dois tempos, refletir filosoficamente sobre a História e pensar a Filosofia na História.

7. Por fim, creio poder sugerir a utilidade deste plano na relação que lhe é

possível manter com o trabalho que futuros pesquisadores e professores de História terão pela frente – relação tão próxima (para que esta perspectiva não seja esquecida) quanto distante (para que ela possa ser refletida). Fazendo pensar sobre a condição (ou condições) do Homem na História (ou Histórias), ele permitirá, espero, que cada aluno pense sua atitude fundamental diante de seu objeto e seu trabalho com ele; atitude da qual derivarão seus objetivos, orientação metodológica, relacionamento com a pesquisa e a escola.